

Arquivo Histórico de Joinville

Ano 3 Número 4 set./1986

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do
Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A. B. Schneider

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ

Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ

Presidente: Prof. Miraci Dereti

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Diretora: Prof. Raquel S.Thiago

Históriadora e Tradutora
Elly Herkenhoff

Tradutora
Maria Thereza Böbel

Datilógrafa
Gessônia Leite de Andrade

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
a.l, n.l, out./1983 Joinville, 1983
Trimestral.

I. Joinville - História - Periódicos

CDU 908(816.42J)(05)
CDD 981.64005

Arquivo Histórico de Joinville

<u>SUMÁRIO</u>	página
O Novo Arquivo Histórico: Um Sonho Realizado	
Raquel S.Thiago.....	5
Ottokar: Um Vulto Histórico	
Elly Herkenhoff.....	6
As Salsichas	
Trad.: Maria Thereza Böbel.....	11
"Joinville le Pont".....	12
Relatório Trimestral de Atividades.....	19

O Novo Arquivo Histórico: Um Sonho Realizado

Raquel S.Thiago *

Em 18 de julho passado foi inaugurado o novo prédio do Arquivo Histórico de Joinville, com a presença do Ministro da Cultura, Celso Furtado.

Esperado desde 1972 quando da criação oficial do Arquivo, este fato veio coroar a luta de um grupo de joinvillenses liderados pelo Sr. Adolfo Bernardo Schneider e, com o decorrer do tempo, encampada por toda a comunidade, e pela administração Freitag.

O prédio, especialmente projetado para abrigar um Arquivo, também deve a sua realização à participação da República Federal da Alemanha, dadas as afinidades existentes entre Joinville e aquele país.

Podemos aquilatar a dimensão extraordinária da construção de um prédio apropriado para guardar nosso acervo histórico, primeiro porque temos em Joinville uma faculdade de História, com opção pelo bacharelado. Como professora daquela Instituição partilhei das frustrações decorrentes da falta de um acervo organizado. Alguns alunos demonstravam forte tendência à pesquisa e o problema era que não tínhamos como iniciá-los, nem como aplicar a metodologia da pesquisa histórica.

Posso afirmar que, decorridos três meses da mudança do acervo para o prédio novo há grande entusiasmo dos alunos e professores da FURJ.

Por outro lado, respiramos aliviados pois está garantida a preservação do acervo. Temos documentos das mais variadas origens e ainda estamos por descobrir outros tantos deles, agora com sua organização. Daí o valor da obra inaugurada: a possibilidade de realizar melhor e mais completa conservação dos documentos com os laboratórios de restauração e encadernação, além de condições para preservarmos as novas fontes de informação que a técnica contemporânea põe à nossa disposição: fotografias, microfilmes e fitas magnéticas, através dos laboratórios de microfilmagem, fotografia e história oral. Através deste último, o historiador social verá evoluir e ouvirá exprimir-se em sua existência cotidiana a mentalidade das diferentes camadas sociais. Fitas e filmes, completarão o acervo que oferecerá à posteridade tudo quanto o historiador até agora sonhou: o espetáculo da própria vida. Era este o nosso sonho! Muito obrigado a todos os que proporcionaram sua realização.

* Diretora do Arquivo Histórico de Joinville e Professora de História na FURJ - Fundação Educacional da Região de Joinville

Ottokar: Um Vulto Histórico

Elly Herkenhoff *

As 9 horas da noite de domingo, 18 de novembro de 1906 - há exatamente 80 anos portanto - falecia em Joinville Ottokar Doerffel, nascido na longínqua Saxônia e imigrado com a esposa Ida em novembro de 1854. Pertencia Doerffel ao numeroso grupo de alemães que se convencionou chamar "Die Achtundvierziger" (Os de 48), pessoas cultas quase todas e de boas posses muitas delas, pessoas que, de um modo ou de outro, se viram envolvidos nos movimentos revolucionários que varreram a Alemanha e ainda outros países da Europa, nos decisivos anos de 1848 e 49. Fracassados aqueles movimentos, muitos daqueles idealistas viram-se obrigados à emigração para o estrangeiro.

O nosso imigrante decidiu exilar-se na então recém-fundada colônia Dona Francisca, atraído pela desmedida propaganda que na Europa se fazia do empreendimento fundado nas terras do Príncipe de Joinville. E a partir do momento de sua chegada, Doerffel de tal maneira se integrou na vida comunitária da Colônia, que foi se tornando, pela sua cultura, sua coragem e sua capacidade de trabalho, um dos maiores vultos de nossa História. Foi sócio e incentivador de quase todas as sociedades, co-fundador mesmo de várias agremiações assistenciais, recreativas, culturais, que foram surgindo na Joinville de nossos avós. Apesar de não se envolver muito na política, foi eleito presidente da Câmara para o período de 1873 a 76, sendo assim o terceiro prefeito de Joinville, após a instalação do Município.

Além de ser autor de vários livros sobre a colônia Dona Francisca, foi Ottokar Doerffel o pioneiro da imprensa alemã em Santa Catarina, o fundador do "Kolonie-Zeitung", o jornal que, além de constituir-se no mais eficaz meio de propaganda do Brasil nos países de língua alemã da Europa, foi de importância inédita para a vida cultural, não apenas das colônias Dona Francisca e Blumenau, mas ainda de inúmeros núcleos espalhados pelas zonas de colonização alemã no Brasil.

O "Kolonie-Zeitung" foi, durante longos anos, a leitura predileta, obrigatória, de milhares, de milhões de imigrantes alemães e filhos e netos de alemães e de imigrantes das mais diversas procedências, conhecedores do idioma alemão. O "Kolonie-Zeitung" circulou a partir de 20 de dezembro de 1862 até maio de 1942, então sob o nome de "Correio Dona Francisca", todo redigido em português, de acordo com as disposições da Campanha de Nacionalização, decretada em 1938 pelo Governo Getúlio Vargas.

Como não podia deixar de acontecer, o "Kolonie-Zeitung", em sua edição de 20 de novembro de 1906, dedica ao seu fundador um extenso necrológio, cuja tradução é a seguinte:

"Acaba de desaparecer uma das figuras mais representativas de nossa cultura, um dos pioneiros que há meio século aqui aportaram, em plena floresta virgem, dando a sua vigorosa cooperação à origem de nossa hoje tão florescente comunidade.

No domingo, por volta das nove horas da noite, veio a falecer, após longa enfermidade, o sr. dr. Ottokar Doerffel, na avançada idade de 88 anos. Com ele, de fato, a nossa Colônia perde um dos mais conhecidos e destacados cidadãos, um homem que, segundo as palavras proferidas à beira do túmulo pelo sr. Pastor Bühler, se elevou em muito acima do povo e cuja atuação profícua se evidencia a cada passo de nossa vida comunitária. O seu nome está indelevelmente ligado à história de nossa Colônia, que saberá honrar eternamente a sua memória.

Gostaríamos de lhe dedicar um pormenorizado necrológio, ao qual ele, o caro amigo e conselheiro, faz jus como nenhum outro cidadão falecido, mas a exigüidade do tempo somente nos permite fornecer alguns breves traços biográficos.

Ottokar Doerffel nasceu a 24 de março de 1818 em Waldenburg, na Saxônia, onde seu pai ocupava o cargo de registrador da Câmara do Principado de Schönburg. Com uma educação dura e austera, porém de muito carinho e desvelo por parte dos pais, frequentou a escola pública primária dos 5 aos 14 anos de idade, na cidade Waldenburg, matriculando-se em 1832 no ginásio de Altenburg, onde se interessava principalmente pelo estudo das ciências exatas, sobretudo pela matemática e pela física. Mas o desejo de seguir uma carreira que lhe assegurasse remuneração compensadora, fê-lo dedicar-se ao estudo das ciências jurídicas, que igualmente muito o atraíam. Aprovado no exame de madureza no Colégio Thomas, de Leipzig, ingressou depois da Páscoa de 1839 na Universidade daquele centro, dedicando-se ao curso de Direito. A vida estudantil, em geral tão alegre, ele a passou mais calma e uniformemente do que a maioria de seus colegas.

Aproveitava somente as férias para se distrair, principalmente com viagens que, apesar de se limitarem às regiões mais próximas, eram tanto mais interessantes e bem sucedidas, quanto menores os seus gastos e quanto mais se aproximava de pessoas de todas as classes sociais, pessoas estranhas que o acolhiam, assim lhe oferecendo ensejo de conhecer as suas maneiras de pensar e de agir.

Tendo se formado em 1842, entrou na vida prática promovido à assessoria pelo Conselheiro da Corte Schedlich, então membro da Diretoria do Tribunal.

Quando, no início do ano de 1844, o Conselheiro Schedlich se dispunha a deixar o cargo, devido à idade avançada e por motivos de saúde, seu filho, o Diretor do Tribunal e advogado na localidade Rochlitz, ofereceu a Doerffel, sob condições bastante vantajosas, o cargo de serventuário, junto aos tribunais de sua administração. Antes, porém,

de investido no cargo, veio a falecer o substituto já designado do Conselheiro, no dia anterior ao seu emposse e assim Doerffel, em vista da aprovação - então já efetivada - de suas teses jurídicas, a 6 de abril de 1844 foi nomeado substituto interino do Conselheiro Schedlich, como escrivão nos tribunais de Wolkenburg, Kaufungen e Niederfrohna, assim como no tribunal do Ducado de Altenburg da localidade de Wolperndorf, de modo que somente após o emposse do sucessor do Conselheiro Schedlich, pôde ele deixar Wolkenburg e, em maio de 1844, assumir o novo cargo em Rochlitz. Naquele novo meio, a atividade de Doerffel sofreu bastante acréscimo, ainda mais que se viu obrigado a administrar o escritório de advocacia - de considerável amplitude - do chefe adoentado. Em 1846 foi investido no cargo de serventuário no tribunal de Wechselburg. As condições ali encontradas o levaram - já em novembro daquele ano - a casar-se com a jovem que encontrara em Rochlitz e escolhera para sua companheira. Mal tinha o casal se instalado na cidade de Wechselburg, foi oferecido a Doerffel um cargo mais compensador, o de segundo serventuário de justiça em Forder-Glauchau, cargo este assumido a 1º de maio de 1847. No começo do ano de 1849 Doerffel foi empossado na função de burgomestre (prefeito) da cidade de Glauchau, e como primeiro magistrado daquele centro industrial, arrastado ao turbilhão, que varreu o Reino da Saxônia no ano de 1849. Naqueles dias agitados partiram dois contingentes de voluntários de Glauchau em direção a Dresden. Mesmo em sua condição de burgomestre da cidade, Doerffel não conseguiu evitar a formação dos grupos e no intuito de mantê-los sob controle, procurou de certo modo organizá-los - sobretudo um bando de ociosos - dando-lhes como dirigente o decidido chefe dos guardas da cidade. No entanto, nenhum dos dois grupos alcançou Dresden. Sem causarem quaisquer danos, os voluntários regressaram a Glauchau, onde a maioria deles ainda recebeu uma indenização da Caixa de Guerra, abastecida por doações voluntárias dos habitantes.

Em consequência dos acontecimentos, foi instaurado um inquérito criminal por suposta alta-traição, ao qual Doerffel não se subtraiu pela fuga, mas respondeu lutando em todas as instâncias, durante três anos, até a sua absolvição pelo Superior Tribunal de Dresden, a 20 de julho de 1852. Mas, destituído do seu cargo de burgomestre durante a inquirição capital, Doerffel passou então a advogar, conseguindo até mesmo boa clientela - o que, evidentemente, não agradava aos funcionários super-reacionários da Justiça daquela época. Via-se Doerffel de tal maneira exposto a toda sorte de vexames, que a vida na terra natal se lhe tornou insuportável, levando-o a emigrar em outubro de 1854 para o Brasil. Estabeleceu-se em Dona Francisca, onde veio desenvolver uma atividade realmente multiface. Sendo um dos mais antigos habitantes, tornou-se o cronista da Colônia, com vários livros publicados sobre Dona Francisca, entre os quais se destacam sobretudo os seguintes: "A Colônia Dona Francisca na Província Sul-Brasileira de Santa Catarina" - "O Agricultor Sul-Brasileiro", Guia para colonos estabelecidos nas províncias do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. - "Estatística da Colônia Dona Francisca do ano de 1867".

Todas essas publicações revelam um profundo e comovente amor a Dona Francisca. São impregnados de tamanha convicção quanto ao futuro grandioso que espera esta Colônia, que o leitor, de imediato, sente uma grande simpatia por ela, ainda mais que Doerffel se atém estritamente à realidade e todas as suas descrições denotam uma cultura profunda e multiface, além de suas excelentes qualidades de escritor.

Também no campo da meteorologia Doerffel reuniu notas e observações das mais preciosas. Em todos os setores da nossa evolução sobressai a sua atividade frutífera: na administração da Comunidade, como membro da Procuradoria e da Câmara Municipal, mas sobretudo em nossa vida social e cultural, que a ele e a sua influência marcante deve, em grande parte, todo o seu padrão. Devido aos incontáveis méritos neste sentido, diversas associações há muitos anos já lhe outorgaram o título de sócio honorário.

Quando se resolveu, após muitos esforços, nomear um cônsul alemão para Joinville, a escolha não poderia ter recaído em pessoa mais indicada para a função e assim Doerffel veio a ser o primeiro cônsul alemão em Dona Francisca.

Ocupava ele o cargo de tesoureiro na Diretoria da Colônia até a entrega da direção à Sociedade Colonizadora Hanseática. Com a sua renúncia ao posto, retirou-se também, por assim dizer, da vida pública, diante da nova situação criada com a proclamação da República. No entanto, continuava sendo motivo de enorme alegria para todos, o seu casual aparecimento em público, quando o setuagenário se dispunha a pronunciar uma de suas orações - orações esplêndidas, marcantes e profundamente reflexionadas. Mestre da retórica, magnífico, impressionante, sabia ele, como ninguém, arrebatá-lo o seu auditório.

Doerffel conservou um vigor incomum - físico e moral - até a idade avançada e somente nos últimos meses, com a diminuição paulatina de suas forças físicas, a flexibilidade espiritual foi se reduzindo, de maneira que a morte, enfim, lhe trouxe alívio. Durante as últimas semanas, o enfermo já não conseguia deixar o leito e a qualquer momento se previa o desenlace.

O "Kolonie-Zeitung" está de luto. Chora o desaparecimento de seu fundador, do homem que, à custa de esforços e sacrifícios inauditos, criou o jornal, dirigindo com mão segura os seus primeiros passos. Quem sabe das dificuldades que neste País se contrapõem a qualquer empresa jornalística, poderá fazer uma idéia do trabalho e da luta - sem falar dos aborrecimentos - que Doerffel teve de superar, para que a sua obra sobrevivesse na modesta, recém-fundada Colônia. E mais tarde, quando a empresa já não era sua, quando passara às mãos do genitor do atual dirigente e proprietário do jornal, o fundador agora desaparecido continuou sempre amigo, sempre apegado a nossa folha. Ao expressarmos aqui a nossa eterna gratidão por todo o apoio que sempre, sempre, pelos anos afora nos proporcionou, fazemo-lo na convicção de termos conservado e desenvolvido a sua obra, dentro do seu espírito e dos seus propósitos, na medida de nossas possibilidades. E assim haveremos de agir para o futuro.

É este o voto hoje renovado, aqui, diante do seu túmulo, como tributo de nossa gratidão. Que a sua lembrança, a lembrança deste homem alemão, fiel e íntegro, seja o nosso escudo na luta diária contra as maldades, as baixezas e mentiras, sempre que tivermos de enfrentá-las. Esta sua lembrança nos dará as forças necessárias para continuarmos na luta pela Liberdade, pela Verdade, pelo Direito e pela Justiça.

Descansa em paz, caro amigo paternal, fiel conselheiro e irmão, descança na certeza de que nós, herdeiros de tua obra, saberemos honrá-la e respeitá-la, na certeza de que, enquanto Dona Francisca existir, o teu nome será venerado, e indelével a tua lembrança para sempre. Que a sua alma descanse em paz!"

A respeito do processo movido contra o jurista Ottokar Doerffel, após o fracasso do movimento revolucionário na Saxônia, alguns autores sustentam a opinião de ter sido indultado o réu, depois de condenado a morte, por alta traição. No entanto, é o próprio acusado que escreve, em carta dirigida a um amigo na Alemanha, em 1901, o seguinte:

"... eu não fui indultado. Eu fui, na ocasião, o único bode expiatório em Glauchau, porque evitei de todos os modos, arrastar outras pessoas para a desgraça. Não denunciei ninguém e assim fiquei sozinho em apuros. Mas consegui, embora com sacrifícios imensos, passar por todas as instâncias, apesar de ter sido aconselhado de todos os lados, sobretudo pelo Funkhänel, a me submeter ao indulto do Rei..."

A carta acima foi publicada no jornal "Die Heimat" (A Terra Natal), em março de 1929, num artigo sobre o antigo "Prefeito de Glauchau, que se tornou pioneiro no Brasil", do autor Johannes Reichelt.

No mesmo artigo, lê-se ainda o seguinte trecho, a respeito das manifestações em Glauchau, naqueles memoráveis dias de maio de 1849:

"Em maio, um bando de desordeiros, fortemente armados e com fachos acesos nas mãos, foi se dirigindo aos berros para o castelo de Vorder-Glauchau. O grupo, exaltado ao máximo, estava prestes a forçar os portões. Mas Doerffel, a muito custo, fez-se entender pelo populacho de atitude ameaçadora. Um amigo levanta-o nos ombros. Com a sua voz estrondosa, Doerffel se dirige aos manifestantes. As palavras sábias, bem colocadas e entusiasmadas, arrebatam, dominam toda aquela gente. O jovem prefeito e orador soube convencer, conseguir que os manifestantes dali se retirassem. Ainda hoje ali está aquele velho castelo e não correu sangue nenhum..."

* Historiadora e tradutora
do Arquivo Histórico de
Joinville.

O poema abaixo, "As Salsichas", foi escrito em 1934 por uma aluna da Deutsche Schule, como castigo pela travessura descrita no mesmo. A Deutsche Schule (Escola Alemã) é hoje o Colégio Bom Jesus que, como tal, completa neste ano 60 anos. Pelo poema, podemos observar a irreverência da juventude daquela época. Poema publicado no Brasil-Post de 19 de julho de 1986.

As Salsichas

Trad.: Maria Thereza BÜbel*

Termina o recreio e todos sobem, com grande alarido.
De repente, ouvem-se gritos, —
Irritados, acorrem os professores.
"O que se passa, o que aconteceu?"
Todos olham para o teto,
Pois lá em cima, atrevidas e alegres,
agitam-se duas salsichas, p'ra cima e p'ra baixo.
O sr. Fecker, ágil como só ele,
sobe a escada ligeiro.
O susto, ó desgraça e tristeza,
chega ele à câmara de despejo
onde, por acaso sozinha,
estou a puxar de vez em quando os cordões.
Agora ele me viu,
e ordena-me que de pronto confesse,
como as salsichas chegaram àquele lugar.
Contei-lhe então, honestamente —
pois não mentimos nunca —
o quando e o como.
Que uma de nós tivera a idéia
(logo por todas aprovada)
de comprar duas salsichas no açougue do Reiner,
e colocá-las de modo que fossem vistas.
Ali na escada do saguão,
Seria impossível passarem despercebidas.
Nós as puxaríamos para cima, e as deixaríamos descer,
às vezes bem depressa, às vezes mais devagar.
Assim pensávamos nós, as meninas da oitava,
pois não somos tristes, somos aliás, muito alegres.
Assim pensamos e assim foi feito,
e todas tomaram parte.
E se pensarem: "Pois bem, e para que isto?"
Nós respondemos: "Foi só uma brincadeira.
Não aconteceu nada de mal,
mas o rebuliço foi grande, e isto foi bom."

* Tradutora e Assessora
de Direção do Arquivo
Histórico de Joinville.

"Joinville le Pont"

Em julho deste ano, o Professor Saulo Leal, numa viagem a Paris, onde atuou como intérprete no Congresso Mundial de Medicina, resolveu visitar uma das nossas homônimas (temos duas), distante 42 km. da capital francesa.

Causou surpresa a visita do nosso conterrâneo pois, segundo o prefeito de Joinville le Pont, foi a primeira visita de um "joinvillense" brasileiro.

Mostrando interesse na implementação de um intercâmbio cultural, as autoridades de Joinville le Pont forneceram ao Professor Saulo várias publicações sobre a cidade.

O mais interessante é que Joinville le Pont tem seu nome na mesma origem da nossa: O Príncipe de Joinville.

A propósito, damos, abaixo a tradução de um artigo publicado em uma das revistas trazidas pelo Professor Saulo Leal sobre o Príncipe de Joinville, portanto do nosso interesse.

Um padrinho pouco conhecido... mesmo dos joinvillensesO Príncipe de Joinville

Na manhã de 8 de setembro de 1830, carruagens de aluguel conduziram, para a Capital, uma comissão delegada pelos habitantes da comuna de "Branche du Pont de Saint-Maur" e composta do Prefeito, Senhor Laurent Nicolas Pinson, do seu ajudante e dos oficiais da guarda nacional.

Esta delegação solene se apresentou ao Rei Luiz Felipe a fim de solicitar "a honra de ser admitida diante do Rei dos franceses para lhe oferecer a homenagem da sua fidelidade e de seu devotamento. Eles (os habitantes) estavam finalmente decididos que a dita comissão fosse à sua Majestade obter autorização para que a Comuna e o Canal Maria Teresa, onde possui embocadura, tomassem, o nome de Joinville le Pont, convencidos de que esta mudança, ao mesmo tempo que estabelecia a separação da comuna de Saint-Maur, seria, também um testemunho da sua afeição pela augusta família de Orléans e uma gloriosa proteção para sua prosperidade" (1)

A delegação foi muito bem recebida no Palácio Real (ainda não abandonado pelas Tulherias pelo novo soberano).

Recusando a lisonja gratuita, o Rei não quis ser sensível senão ao fato de se propor o nome do seu terceiro filho.

(1) Archives de la Seine DM7

Com efeito, Luis Felipe foi sempre um pai exemplar e, aliás, jamais se refez completamente da morte accidental do seu filho primogênito (inicialmente Duque de Chartres, depois Duque de Orléans, em 1830).

Contudo, recebeu muito bem a delegação e lhes fez belas promessas.

O senhor Pinson voltou, portanto, muito satisfeito e relatou sua missão aos 584 habitantes da comuna.

O rei honrou suas promessas e uma lei de 19 de outubro de 1831, rubricada pelo Ministro do Comércio e do Trabalho, autorizou a comuna de Brache du Pont de Saint-Maur a usar, daí em diante, o nome de Joinville-le-Pont.

Todavia, não se fez nenhuma modificação no nome do canal que, depois de anos de discussão retomou, em 1843, seu nome original, canal de Saint-Maur.

Os habitantes de Joinville não se apegaram a este detalhe e se entregaram inteiramente à alegria de terem conseguido o essencial.

O prefeito não esperou que os papéis administrativos portassem a nova menção e escreveu imediatamente ao vice-prefeito, Sr. Lesourd, para lhe comunicar o recebimento nestes termos da ordem real:

"A guarda nacional tomou as armas e os membros do Conselho Municipal, os membros do Departamento de Beneficência, comigo à sua frente, anunciamos a toda a comuna a Ordem do Rei, que foi lida com gritos mil vezes repetidos de Viva o Rei! Depois da publicação a guarda nacional fez um desfile. À tarde houve um baile. Enfim, foi um dia de festa para a comuna e tudo transcorreu muito bem, para a satisfação de todo mundo". (2)

Esta alegria era, aliás, muito compreensível. A mudança de nome era, para a comuna, uma estrondosa vitória e quase um renascimento.

Nascida no decorrer do século XII, de uma reunião de algumas casas agrupadas ao redor da ponte do linho chamada em seguida Ponte Olin, depois Ponte dos Fossos, e finalmente Ponte de Saint-Maur, o lugarejo dependia de "Fonteney sou Bois" depois, em 1693, foi anexada à Paróquia de Saint-Maur.

Há muito tempo o vilarejo começara a aspirar sua independência. Aproveitando o período revolucionário ele se tornou, por sua própria iniciativa, uma municipalidade autônoma, e a 2 de setembro de 1790, Branche du Pont de Saint-Maur, libertou-se de qualquer vínculo com Saint-Maur, mas esta última se esforçou por conservar os dissidentes. Durante toda a revolução, Saint-Maur multiplica os protestos e muitas vezes os habitantes chegam às vias de fato. Ainda sob a Restauração, muitas deliberações da municipalidade reclamam a fusão (1817, 1820, 1823).

A decisão de Luiz Felipe trazia, portanto, uma garantia de independência definitiva para a comuna, reforçada pela concessão do nome de Joinville.

Saint-Maur, naturalmente aceitou muito mal esta decisão e, não querendo ficar para trás, solicitou do Rei, o favor de receber a denominação Aumalle, quarto filho de Luiz Felipe. Este último achou que isto não era senão uma cortezia e que seria melhor para Saint-Maur conservar o nome da célebre abadia que lhe deu origem.

Pouco depois passou a animosidade e as duas comunas se reconciliaram.

O padrinho que ela escolheu parece ter trazido felicidade, pois a prosperidade de Joinville, foi sempre crescendo sob o reinado de Luiz Felipe.

As armas da cidade lembram simbolicamente seu apadrinhamento e a origem da sua criação.

Acima, as armas da casa de Orléans, em azul, com três flores de lis de ouro sobrepostas sobre o lambel de prata que, na época, distinguia a casa de Orléans e a casa de França.

Embaixo, a ponte: as aberturas da ponte têm arcos de prata, construídos em alvenaria, assentados sobre ondas prateadas.

Esta é a repetição das armas da casa de Orléans nos braços da cidade que ela havia apadrinhado. Esta, por sua vez, tendo sido plenamente atendida não se preocupou mais com isto.

Aliás, ela esqueceu até de lhe atribuir o nome de uma rua, como também não foi dado ao prefeito Laurent Nicolas Pinson que tivera a iniciativa de mudar de nome.

Pode, pois, parecer interessante para os joinvillenses, conhecer um pouco melhor este Príncipe que serviu lealmente ao Rei, seu pai, mas também, qualquer que tenha sido seu regime, se esforçar para servir à França.

Nascido em "Neuilly sur Seine", a 14 de agosto de 1818, François, Príncipe de Joinville, foi o terceiro filho de Luiz Felipe (o primogênito foi Ferdinando, Duque de Orléans, morto num acidente de carruagem em 1842).

Após seus estudos no colégio Henrique IV, ele decidiu seguir a carreira naval. Segundo suas memórias, esta vocação lhe veio muito cedo por ocasião da sua estada no Castelo d'Eu, próximo de Tréport. O mar o fascinava e os contos de um velho soldado de Trafalgar nada mais faziam que reforçar uma vocação pouco comum na família Orléans.

Seja como for, aos 13 anos, portanto, o ano que nossa comuna toma o nome de Joinville, seu pai o faz embarcar em Toulon como piloto voluntário no "Arthémise" onde foi bem recebido pelos marinheiros.

Depois de ter passado por um concurso de ingresso ao "Borda" ele passou em "Brest" num exame público para oficial da marinha e saiu tenente em 1836.

Suas memórias se detêm pouco sobre este período escolar mas dão uma idéia sobre a Revolução de 1830 que é bastante interessante. Seu pai, segundo o Príncipe, jamais desejava a revolução de 1830 e via com uma profunda mágoa a deposição de Carlos X.

Luiz Felipe aceitou ser Rei para evitar o retorno ao caminho fatal que levaria da república à ditadura, assim como a invasão e o enfraquecimento da França.

Inspirado pelas consequências ainda recentes do primeiro Império que havia colocado a França praticamente em quarentena sobre o plano europeu, esta opinião infelizmente revelou-se exata, com a ascensão de Napoleão III e a invasão de 1870/1871.

Victor Hugo, aliás, fez um julgamento sobre Luiz Felipe muito parecido com aquele do Príncipe de Joinville ao escrever:

"No seu reinado, a imprensa era livre, a assembléia era livre, a consciência e a palavra eram livres". (3)

Uma vez, tenente da marinha, foi enviado para a Argélia em 1837 e participou dos combates de Constantine.

Em 1838, após a recusa, pelo Estado mexicano de indenizar os agricultores e industriais franceses, espoliados, ele é enviado ao México com o "Gréole" e ataca audaciosamente as fortificações de St. Jean d'Ulba. Entre em Vera Cruz e captura, por sua conta, o general Arista no meio da fuzilaria.

Em seguida a este feito, o Príncipe de Joinville foi promovido cavaleiro da Legião de Honra e Capitão de marinha. No início de 1839, um tratado de paz resolveu as questões entre a França e o México.

Após ter cumprido diferentes missões, notadamente próximas de Mehemet Ali, Sultão Egípcio, sustentado pela França, o Príncipe de Joinville é encarregado de uma missão que o Rei considera particularmente importante: Trazer de Santa Helena as cinzas do imperador Napoleão.

Entregar ao seu filho o comando do navio "La Belle Poule" não pode resultar senão em aumentar o brilho ao retorno das cinzas.

O príncipe, a princípio um pouco surpreso, gostou de assumir o comando do "La Belle Poule".

(3) Citado por Arnmanal CHAFFANSON na "História das Famílias Reais de 1800 aos nossos dias" Edições RAMSAY, 1980.

Era pensamento do rei que o retorno das cinzas devia, por um lado, concretizar as boas relações; daí em diante, com a Inglaterra apesar da sua oposição ao Império e, por outro lado, ter uma testemunha "da grandeza imortal das nossas armas".

O objetivo era sensivelmente o mesmo que aquele estabelecido quando da criação do Museu de Versailles dedicado pelo Rei Luiz Felipe "a todas as glórias da França".

Tratava-se de facilitar uma reconciliação nacional, mas o objetivo não foi inteiramente atingido. Por ocasião da transferência das cinzas, quando da passagem do rei, manifestantes gritaram "Abaixo os traidores" recriminando, assim, a Luiz Felipe por ter se recusado de intervir nos assuntos do Oriente o que arriscava o desencadeamento de uma guerra geral, pela intervenção da Rússia e da Inglaterra.

No ano de 1843 ocorreu, no Rio de Janeiro, o casamento do Príncipe de Joinville com a Princesa Francisca de Bragança, filha de D. Pedro I, Imperador do Brasil.

O casamento seria o início de uma amizade franco-brasileira que ainda existe, cujo fato foi lembrado na recente estada, na França, do general Figueiredo, chefe do Governo brasileiro. Os quadros representando o Príncipe de Joinville e a Princesa Francisca de Bragança que se encontram normalmente no Museu de Versailles, foram instalados no salão de honra de Orly para receber o general Figueiredo.

Desta união nasceram duas crianças, a princesa Francisca de Orléans, avó do atual Conde de Paris e o Príncipe Pedro de Orléans que parece não ter deixado descendentes.

O atual Conde de Paris é, assim, o último descendente do Príncipe de Joinville.

O casamento, todavia, não impediu o Príncipe de Joinville de continuar suas atividades. Nomeado em 1843 contra-almirante e membro do Conselho de Almirantado, ele acompanhou, neste cargo, a organização da marinha à vapor e o lançamento do primeiro navio de ferro com propulsão a hélice, novidade na época e invenção francesa.

Comandou, em seguida, a esquadra que bombardeou Tanger e apoderou-se de Mogador em 1845. Foi, então, nomeado vice-almirante.

Por ocasião dos motins em Paris, em fevereiro de 1848, Joinville comanda a frota na Argélia e seu irmão Amale, o exército.

Os dois filhos de Luis Felipe se submetem ao governo provisório a 25 de fevereiro de 1849 e partem para a Inglaterra.

Nas suas memórias, o Príncipe de Joinville evoca este período nestes termos:

"O rei não é eleito pelos vencedores, oprimindo os vencidos, mas símbolo da união nacional, por todos os defensores da pátria..."

Como muita gente, também ele não duvidava que o abalo revolucionário levaria brevemente a termo uma guerra geral. Teria sido um crime, então, unir os perigos da pátria às aflições da guerra civil.

Desde então, a linha do dever estava traçada. "A pátria antes de tudo". O Rei, por sua vez, recusou a proposta de Thiers de abandonar Paris e de se retirar a Saint-Cloud.

Em 1871, Thiers devia retomar esta idéia e aplicá-la em nome do governo provisório para reprimir a insurreição da Comuna.

Uma vez na Inglaterra, o Príncipe de Joinville protestou contra o banimento de sua família mas, evidentemente, nada conseguiu.

Durante a Guerra de Secessão, ele vai aos Estados Unidos com seus filhos e sobrinhos, Condes de Paris e Chartres. Ele acompanha as operações no campo dos nortistas, se interessa principalmente pelas operações navais e acompanha o exército de Potomac comandado pelo general Mac Chellan. Este guarda ótima opinião sobre o Príncipe de Joinville visto que nas suas memórias, escreveu: "Este foi um homem acima da média".

Passado quase um século da separação, ele encontrou, o mesmo local onde estavam acampadas as tropas de Luis XVI para ajudar a jovem república americana a conquistar sua independência.

Com o estouro da Guerra de 1870, desejada pela Prússia, que conhecia o despreparo do exército francês, e desejava consolidar a unidade alemã sob a liderança prussiana, mas também consequência dos erros políticos do segundo Império, o Príncipe de Joinville pede a Napoleão para servir, não importa em que condições.

Isto lhe foi recusado. Contudo, ele mudou-se com o Duque d'Aumale e o Duque de Chartres, de Bruxelas para Paris, mas o governo provisório lhes proibiu a permanência na França.

Persistente no seu desejo de servir à França, o Príncipe de Joinville, então, recorreu a um stratagema.

Recordando-se da sua permanência nos Estados Unidos, ele se fez passar pelo Coronel Lutherod, americano, encarregado de acompanhar os combates na França.

Num disfarce meio civil, meio militar, ele assiste em frente a Orléans, aos combates do primeiro exército sobre o Loire.

Num comboio de marinha ele dará conselhos durante a guerra e sairá de Orléans com os últimos soldados.

Ele reencontra, em seguida, o exército para Mans onde continuará a acompanhar as operações até o momento em que Gambetta, tendo-o reconhecido, fez expulsar "o coronel Lutherod", por um comissário da política que o embarcou em Saint Malo para a Grã-Bretanha em 31 de janeiro de 1871.

Talvez ele tivesse algo melhor a fazer, nesse momento, do que proceder à expulsão do Príncipe de Joinville que não pensava senão em servir seu país!

Este último, apesar da derrota, apreciou a coragem das tropas.

Em particular ele rende homenagem à 42ª divisão, a qual tem o seu nome em uma rua em Joinville, e que se havia destacado quando da batalha de Champigny, de 28 de novembro a 3 de dezembro de 1870. O príncipe menciona, em suas memórias, que quando do cerco de Paris aquele regimento perdeu duas vezes seu efetivo e conservou suas armas e sua bandeira.

Retornando à França, no final da guerra, o Príncipe de Joinville foi eleito, em 8 de fevereiro de 1871 à Assembléia Nacional pela Mancha e pelo Alto Marne. Ele optou pelo Alto Marne onde se encontrava, aliás, a Joinville de origem. (4)

Ele participou pouco dos trabalhos da Assembléia mas adotou a ordem do dia que derrubou Thiers em 1873. Este último, em particular, quando da Comuna, tinha aplicado o método que consistia em evacuar Paris e reconquistá-la do exterior, método que o Rei Luis Felipe se recusara a aplicar em 1848. Votou em seguida, contra a emenda Wallon em 1875 que estabeleceu a República segundo a voz da maioria.

Em 1876, ele solicita a seus eleitores que não mais o reelejam e não atuou mais na política, até sua morte em 1900.

Enquanto o Príncipe seguia sua carreira, a comuna que havia solicitado tomar seu nome desenvolveu-se harmoniosamente e tornou-se um dos arredores mais agradáveis e de maior frequência na região parisiense.

Dos 584 habitantes em 1831, por ocasião da sua criação, passou a 6016 em 1901, isto é, quando do falecimento do Príncipe de Joinville.

O padrinho que ela escolhera parece, pois, ter trazido felicidade à pequena população do início do século XIX. Ela soube, por sua vez, se demonstrar digna e não hesitou no decorrer dos vários conflitos, em assegurar corajosamente seu lugar, fazendo sua uma das frases do Príncipe de Joinville: "A pátria antes de tudo".

(Original de J. Rocquais)

- (4) A "Joinville de origem" é a outra Joinville francesa, além de Joinville le Pont. Foi importante senhorio na Idade Média, depois baronato e finalmente principado. Situado no Alto Marne, o principado de Joinville passou, por hereditariedade para a família de Orléans, nos fins do século XVII. Daí o título de François Felipe, Príncipe de Joinville. (Nota do tradutor).

Relatório Trimestral - jul./ago./set., 19861. Atividades:

- 1.1 17/07 - Esteve em Joinville Luiz Alberto Zúñiga do Pró-Documen-
to, a fim de montar a exposição de fotos antigas que
marcou a inauguração do novo prédio do Arquivo Histórico.
- 1.2 23-24/07 - Sérgio Burgi, do InFOTO, esteve neste Arquivo, a fim
de orientar sobre o projeto da montagem do Laborató-
rio Fotográfico.
- 1.3 28 a 30/07 - Raquel S.Thiago e Maria Thereza Bübel, respectiva-
mente Diretora e Assessora da Direção do Arquivo
Histórico, estiveram no Arquivo do Município de Rio Claro (SP),
com o objetivo de conhecer as instalações daquele Arquivo, bem
como o sistema de funcionamento e organização.
- 1.4 15/08 - Raquel S.Thiago viajou a Florianópolis para, na Univer-
sidade Federal de Santa Catarina (UFSC), obter informa-
ções sobre Laboratório de História Oral.
- 1.5 15 a 17/09 - A professora Raquel S.Thiago, Diretora, e Fátima
Tenilda Rodrigues Cassales, Arquivista do Arquivo
Histórico, participaram do Curso sobre "Técnicas de Organização
de Documentos e de Disseminação da Informação em Arquivos Perma-
nentes", realizado em Florianópolis (SC).
- 1.6 18-19/09 - Realizou-se em Florianópolis o II Encontro de Arqui-
vos Catarinenses, do qual participaram: Raquel S.
Thiago; Maria Thereza Bübel, Assessora de Direção; e, Fátima
Tenilda Rodrigues Cassales.
- 1.7 19/09 - No II Encontro de Arquivos Catarinenses, a professora
Raquel S.Thiago, apresentou uma palestra sobre "A Nova
Sede do Arquivo Histórico de Joinville".
- 1.8 20/09 - Realizou-se em Florianópolis, reunião de pessoas liga-
das a arquivos, museus e congêneres, a fim de elabora-
rem o estatuto da Associação Catarinense de Preservação de Bens
Culturais. O Arquivo Histórico de Joinville foi representado por
Raquel S.Thiago, Diretora.
- 1.9 Pesquisando neste Arquivo o arquiteto alemão Udo Baumann, que
se encontra em nossa cidade a fim de assessorar a Secretaria de
Planejamento, nas questões relativas à preservação do patrimô-
nio histórico de Joinville.

2. Doações:

- 2.1 Lucília Lopes Buchmann (Curitiba-PR) - Revistas e jornais diversos.
- 2.2 Consuelo Maria Alves Moreira (Joinville) - Partituras musicais.
- 2.3 Erna Wally Bujakowsky (Joinville) - 1 fotografia antiga.
- 2.4 Eleusa M.T. Salfer (Joinville) - 1 Bíblia Sagrada com mais de 120 anos.
- 2.5 Bruno Carlos Ehrhardt (Joinville) - documentos diversos.
- 2.6 Paulo Unger - Partituras musicais.
- 2.7 Lili Hoepfner Fruit (Joinville) - 1 escritura de venda de terreno, com data de 1920.
- 2.8 Olindo Friedrichser (Joinville) - 1 boletim escolar de 1937 do Colégio Bom Jesus.
- 2.9 Mário Prugner (Joinville) - fotos panorâmicas da cidade.
- 2.10 Gerda Hagemann (Joinville) - fotografias diversas.
- 2.11 Ralf Schmalz (Joinville) - documentos manuscritos da família Lange.
- 2.12 Christa Petrold Schuster (Joinville) - 1 exemplar do jornal "Illustrierter Beobachter", 1936.
- 2.13 Ady Lopes dos Santos - 1 missal romano de 1958 e documentos diversos.
- 2.14 Orlando Rosskamp (Joinville) - 2 fotografias e 1 gravura.
- 2.15 Habit (Construções e Empreendimentos Ltda.) - fotografias e plantas de construção.
- 2.16 Cyro Ehlke (Joinville) - periódicos diversos.

3. <u>Exposições:</u>	nº visitantes
3.1 "Joinville - Seus Tempos, Seus Lugares, Sua Gente" de 18/07 a 31/08.....	1918
3.2 "August Sander - Frich Salomon Dois Precursores da Fotografia Alemã" de 01 a 18/09.....	313
3.3 Sala Especial "Victor Kursancew" de 05 a 30/09.....	455
3.4 "Franz Kafka - 1883-1924" de 24/09 a 06/10.....	133
4. <u>Serviços feitos no trimestre:</u>	
4.1 <u>Cópias xerox</u>	386
4.2 <u>Consultas*</u>	24
4.3 <u>Correspondência</u>	
4.3.1 Expedida.....	296
4.3.2 Recebida.....	126
4.4 <u>Encadernação</u>	
4.4.1 Enviados.....	48
4.4.2 Recebidos.....	84 v.
4.5 <u>Recortes</u>	
4.5.1 Jornais.....	2601 p.
4.6 <u>Classificação dos Recortes</u>	
4.6.1 Jornais.....	2601 p.

* No período compreendido entre 1º de junho a 16 de setembro as consultas estiveram suspensas em virtude da mudança para o prédio novo.